

## Os antropotopônimos na Bahia de Todos os Santos: uma análise social e linguística

The antropotonyms in Bahia de Todos os Santos: a social and linguistic analysis

Analídia dos Santos Brandão\*

Celina Márcia de Souza Abbade\*\*

---

**RESUMO:** A nomeação dos lugares possui uma relação direta com o contexto social, histórico e cultural de um povo, pois reflete o *modus vivendi* da comunidade linguística da qual faz parte. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os antropotopônimos, ou seja, os nomes de lugares que recebem os designativos em homenagem a pessoas, presentes na obra de Jorge Amado, intitulada *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*, publicada em 1945, a fim de verificar a motivação semântica e a relação sociocultural desses nomes. Como aporte teórico-metodológicos que configuram os estudos lexicais e/ou toponímicos foram usados os trabalhos de DICK, (2001, 1990, 1992), DOREA (2006), OLIVEIRA; ISQUERDO (2001), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica. Toponímia. Salvador. Jorge Amado.

**ABSTRACT:** The act of place naming has a direct relationship with people's social, historical and cultural context, as it reflects the *modus vivendi* of the language community to which it belongs. The present paper aims to show the antropotonyms, that is, a name of place in honor of an individual name of person, present in Jorge Amado's work: *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*, published in 1945, in order to analyze the semantic motivation and cultural relationship of those names. As theoretical-methodological contribution to lexical and/or toponymic studies, the works of DICK, (2001, 1990, 1992), DEACON (2006), OLIVEIRA; ISQUERDO (2001), among others, were considered.

**KEYWORDS:** Onomastics. Toponymy. Salvador. Jorge Amado.

---

### 1. Introdução

Escrever sobre nomes de lugares de uma região não é uma tarefa fácil: esses nomes apresentam informações que se cruzam e que exigem (re) interpretações várias de diversos fatores que corroboram para a formação cultural, social e histórica da comunidade em questão. No entanto, ainda que não seja fácil, um estudo desse tipo pode ser capaz de unir conhecimentos

---

\* Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora de Língua Portuguesa do Município de Mata de São João. E-mail: [ninhalydia@yahoo.com.br](mailto:ninhalydia@yahoo.com.br).

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [celinabbade@gmail.com](mailto:celinabbade@gmail.com).

que perpassam por diversas áreas do saber como a Linguística, a Geografia, a História, dentre outras.

Nas Ciências da Linguagem, a Onomástica, ramo da Lexicologia que se dedica ao *onoma*<sup>1</sup>, começa a dar conta do estudo desses nomes, sejam eles de cores, de animais, de pessoas, de lugares. A Toponímia é o ramo da Onomástica que se ocupa dos nomes dos topos ‘lugares’, ou seja, os topônimos.

Os topônimos atuam como conservadores da cultura na medida em que uma sociedade, no processo de nomeação dos lugares, se utiliza de suas tradições e memórias culturais. As manifestações culturais de um povo são convertidas em manifestações linguísticas no momento em que o homem transfere o que observa e vivencia em seu entorno para a nomeação dos espaços. Assim, nos nomes de rios, lagos, cachoeiras, ruas, ladeiras, becos, cidades etc., a história dos seus nomeadores estão refletidas e se mostram ali.

A proposta aqui é a de apresentar um recorte da dissertação de mestrado defendida e aprovada no programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, na Universidade do Estado da Bahia, intitulada *Guia de Ruas, (Bairros) e Mistérios: a toponímia como elemento identitário em Bahia de Todos os Santos (2015)*. A pesquisa supracitada analisou os topônimos referentes aos bairros e ruas da cidade de Salvador, encontrados em AMADO (2002 [1945]).

Esse recorte diz respeito ao levantamento e estudo dos Antropotopônimos, ou seja, os nomes e/ou sobrenomes próprios de pessoas, utilizados para nomear os acidentes físicos e humanos que habitam a obra de Jorge Amado (2002 [1945]) utilizada como *corpus* da pesquisa.

## 2. Toponímia e a Bahia de Todos os Santos

No que concerne aos topônimos, Amado, em suas obras, sempre se manteve realista. Pelo menos no *corpus* de base, tem-se a certeza de que todos os topônimos citados existiram e, a maioria deles ainda existe com a mesma nomenclatura dos meados do século XX, período em que a obra foi publicada.

A Toponímia deve ser caracterizada pela “busca da origem e da significação dos nomes de lugares e suas transformações linguísticas” (DICK, 1990). No ato denominativo há pretensões ideológicas, traços culturais e físicos que atuam como elementos fundamentais para que um lugar receba o nome, enquanto representação do todo, indicando a parte, em uma

---

<sup>1</sup> Do gr. ONYMA ou ONOMA ‘nome próprio’.

relação quase que metonímica, como afirma Dick (2001, p. 79), “constroem-se, assim, pela palavra lexical, detalhes-referência para indicar um todo, semantizado metonimicamente”.

Os nomes de lugares por muito tempo sempre foram vistos como simples nomeadores e identificadores de referentes sem que se pensasse nos propósitos ou motivos concretos para a sua escolha. Entretanto, estudos mais recentes mostram que os nomes próprios possuem, sim, uma importância não apenas referencial, mas, sobretudo, na busca das origens denominativas que atuam como um espelho no qual se pode visualizar o passado e entender o presente, a partir da visão do nomeador. Dick sintetiza a importância do signo toponímico ao afirmar que:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, *marcando-o duplamente*: o que era *arbitrário*, em termo de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado*, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p. 38, grifo da autora)

É importante realizar a investigação das motivações toponímicas para os nomes de lugares, pois é possível se fazer um resgate não apenas linguístico, mas, sobretudo, dos aspectos de cunho extralinguístico que representam fatores socioculturais de quem os selecionam, graças à diversidades socioculturais fundamentais para a formação da identidade brasileira. Assim, “a Toponímia resgata a substância de conteúdo que cada topo carrega consigo, independente da sua natureza” (ISQUERDO, 1996, p.80).

Isquerdo (1997 apud SARTORI, 2010) afirma que nem sempre a motivação do signo toponímico é facilmente perceptível, pois:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural. (ISQUERDO, 1997, apud SARTORI, 2010, p. 26).

Dentre os antropotopônimos analisados, podemos encontrar aqueles que possuem a natureza física e que evidenciam o entorno físico e natural em que o homem pôde se referenciar para nomear os espaços. Encontramos também topônimos de natureza antropocultural que

surgem e marcam as experiências humanas. Um estudo toponímico pode trazer à tona essas particularidades, como nos asseguram OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001:

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...] (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

O léxico, e de modo bem particular, os nomes de lugares, revelam o *modus vivendi* de uma comunidade e, por meio de uma análise profunda que perpassa os estudos geográficos, históricos e sociais, pode-se fazer emergir uma gama de conhecimentos ocultos, que deixam marcas por vezes opacas e muitas vezes explícitas nos topônimos que designam sejam os acidentes físicos, sejam os acidentes humanos.

### 3. O referencial Antropotonímico

Sabendo que por muito tempo os nomes de lugares nada mais significavam do que meros nomeadores e identificadores de referentes, os nomes comuns recebiam uma atenção especial, pois eles nomeavam os seres do modo geral. E, por ordem de importância, os nomes comuns prevaleciam.

Atualmente não há dúvidas de que a motivação toponímica é um fato. Ela pode ocorrer tanto pela intenção do nomeador, quanto pela origem semântica do nome escolhido. A investigação dessas motivações toponímicas nos possibilita um resgate que ultrapassa as fronteiras linguísticas, podendo representar a diversidade sociocultural, contribuindo assim para a formação da identidade brasileira.

Diante do exposto, podemos dizer que os nomes de lugares conservam um tesouro tanto linguístico, quanto extralinguístico. O referencial antropotonímico pode ser marcado a partir de diversas motivações. Uma delas é a intenção de manter a memória da pessoa ou família que nomeia um lugar. Essa personagem, geralmente marcada por alguém que se destaca publicamente, pode ser um morador local, uma personalidade histórica, administrativa, política etc.

Aqui, a proposta é a de apresentar as motivações para a escolha dos vinte antropotônimos encontrados na obra de Jorge Amado (AMADO, 1944), que contribuem para

salvaguardar alguns referenciais históricos, políticos e culturais de Salvador na primeira metade do século XX. Nessa obra, Jorge Amado apresenta a cidade do “Salvador da Bahia” sob diversas facetas.

Desde 1944, diversas edições foram publicadas no Brasil e exterior. A 19ª traz a primeira atualização de mais outras três que se seguiram para que a obra se tornasse atualizada com a realidade da época. Conforme explica Brandão:

As atualizações da obra foram constantes e necessárias para deixar o “guia” condizente com a modernidade e os acontecimentos da cidade ao longo dos anos. Segundo Paloma Amado (2012), foram feitas quatro atualizações na obra (1960, 1966, 1976 e 1986). Após a edição elementar publicada em 1945, foi feita, em 1960, a primeira atualização tendo em vista o crescimento urbanístico da cidade, mesmo mantendo o ar provinciano dos primeiros tempos. A segunda ampliação foi em 1966 e Jorge Amado descreve o que seria uma verdadeira guinada no crescimento do campo cultural e artístico da sociedade baiana. Menciona os novos nomes da música, das artes plásticas, do cinema etc. E, muitos dos autores citados na primeira e segunda ampliação, já haviam ganhado reconhecimento nacional e fora do país. Foi nessa segunda atualização que Jorge Amado acrescentou o capítulo intitulado “Baiano é um estado de espírito”, no qual discute o fato de que várias personalidades artísticas que não são baianas por naturalidade, mas são por atitudes e coração. (BRANDÃO, 2012, p. 58):

E, por cada atualização que passou, esse “Guia” como o próprio Amado denominou, exibiu as notoriedades do momento, denunciando uma cidade que passou de uma fase provinciana a uma sociedade de consumo, de crescimento e de transformações. Os arruamentos e os bairros mostram as pessoas importantes da cidade naquele período, as quais a sociedade reconheceu e resinificou, batizando esses lugares, pois:

[...] a pesquisa da utilização dos nomes de pessoas como denominações de localidades abre amplas possibilidades para o aumento do conhecimento do lugar, seja por causa inúmeras razões pelas quais uma determinada localidade pode receber o nome de uma pessoa, por esta pessoa ter sido parte do processo de fundação do povoado, um político externo importante, ou ter participado de um evento marcante, etc., seja pela possibilidade de, através da investigação do perfil biográfico dos homenageados, deslindar as redes de poder que influenciaram e permanecem afetando o processo de escolha das nomenclaturas dos lugares, bem como outras decisões políticas. (COSTA; SEABRA; SANTOS, 2014 *online*)

Em 1976 a obra ganhou outra atualização e mais um capítulo intitulado “Caetano de Matos e Castro Alves Veloso”, do qual o autor faz questão de falar dos redutos culturais e

artísticos brincando com os nomes desses artistas baianos, bem como de suas obras de alcance nacional. A última atualização foi feita pelo autor em 1986. Como ele faleceu em 2001, essa última atualização foi a definitiva. Salvador continua crescendo, mas o guia se manteve com a toponímia da cidade nos anos oitenta do século passado e acabou se tornando uma espécie de enciclopédia da vida baiana - paisagens, histórias, velhas ruas, novas avenidas, costumes, festas, a permanente miséria e a imbatível alegria, igrejas e candomblés, santos, orixás e personagens as mais variadas, que juntas dão a imagem real e mágica dessa terra e desse povo que a habita, da mistura de sangue, de raças, de culturas que faz nossa originalidade mestiça. (AMADO, 1986, *apud* [1945] 2002, p. 1)

O guia *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (AMADO, 1944), tem a Bahia e seu povo como protagonistas de histórias, assim como o reconhecimento de artistas e escritores, a associação da mestiçagem, a sensualidade das mulatas marcando o profano e a religiosidade do povo regendo o sagrado:

Eis uma Bahia negra, sensual, misteriosa e, acima de tudo, alegre. Além de apresentar as engenhosidades da Bahia, Jorge Amado, como uma espécie de guia turístico, apresenta toda a cidade, desde os bairros elitizados até as ruas mais conhecidas em suas outras obras, os becos e vielas onde caminham e residem os operários, os largos e praças, indicando os seus respectivos nomes. (BRANDÃO, 2014, p. 22)

Os nomes desses lugares revelam as mudanças sofridas pelos espaços, as origens de cada lugar, os seus fundadores, pois, ao recuperar a essência dos nomes, descobrem-se as intenções do nomeador ao “batizar” tais espaços, conforme nos assegura Dick:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990, p. 19)

Apresentaremos aqui os antropotopônimos dos bairros e das ruas presentes no *corpus* de base, *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (AMADO, 1944).

Vale ressaltar que a escolha da obra se deu pelo fato de a mesma ser um terreno fértil para verificar o quanto a preferência por denominações assume posições ideológicas, culturais e históricas como maneira de marcar o universo do nomeador, seja pela constatação natural do

seu entorno, seja pelas relações socioculturais em que o homem se insere. O guia proposto por Jorge Amado apresenta a cidade de Salvador do início do século XX a uma “moça” imaginária, tratando as belezas, mas sem deixar de apresentar as mazelas sociais presentes no período.

Nos antropotopônimos das *ruas e bairros* encontrados na obra, temos a oportunidade de conhecer grandes personalidades dos mais variados cenários - político, artístico e cultural; bairros dos operários; e bairros dos miseráveis, repletos de ratos, lamas e doenças. Jorge Amado mostra que as ruas da cidade conservam as marcas da escravidão e as mazelas provenientes de uma falta de infraestrutura pública para saúde e para a moradia, que atingem a população mais pobre.

Os antropotopônimos foram analisados e dispostos em fichas toponímicas, tomando como base a metodologia proposta por DICK (1992) e ordenados em traçados classificatórios e sistematizados em fichas, pois, segundo as palavras de Dick:

A anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas, com a identificação dos acidentes que designam nomes do pesquisador e do revisor, fontes e data da coleta, constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subseqüentes (quantificação dos topônimos e das taxonomias; estudo lingüístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais. (DICK, 1990, p. 20)

O modelo de classificação dos topônimos proposto por Dick (1992) contempla 27 taxes: 11 que refletem as causas motivacionais oriundas de ambiente físico-natural e 16 relacionadas aos aspectos motivacionais que englobam o social, histórico e cultural e que envolvem o homem. No presente trabalho analisaremos os aspectos antropoculturais, nos quais estão englobados os antropotopônimos. Vejamos o resumo dessas taxes no quadro a seguir:

**Quadro 1** – natureza da taxes.

<b>Taxes de Natureza Física</b>	<b>Taxes de Natureza Antropoculturais</b>
Astrotopônimos	Animotopônimos ou Nootopônimos
Cardinotopônimos	<b>Antropotopônimos</b>
Cromotopônimos	Axiotopônimos
Dimensiotopônimos	Corotopônimos
Fitotopônimos	Cronotopônimos
Geomorfotopônimos	Dirrematotopônimos
Hidrotopônimos	Ecotopônimos
Litotopônimos	Ergotopônimos
Meteorotopônimos	Etnotopônimos

Morfotopônimos Zootopônimos	Hierotopônimos (hagiotopônimos e mitotopônimos) Historiotopônimos Hodotopônimos ou Odotopônimos Numerotopônimos Poliotopônimos Sociotopônimos Somatotopônimos
--------------------------------	---

Na dissertação de mestrado, da qual este artigo se originou, adotou-se para a apresentação dos topônimos, o modelo de ficha proposto por Dick (1992), com as devidas adaptações para o *corpus* em estudo, visto que se trata de uma obra literária. Logo, alguns elementos presentes em fichas lexicográfico-toponímicas padrão, conforme proposto pela autora, não estarão presentes nas fichas deste trabalho, como é o caso do nome do pesquisador, nome do revisor, fonte e data de coleta. Os demais elementos foram mantidos e/ou adaptados e não houve a necessidade de acrescentar nenhum outro elemento.

O modelo de ficha léxico-toponímica utilizada será apresentado a seguir:

Quadro 2 – modelo de ficha toponímica (BRANDÃO, 2015).

<b>TOPÔNIMO:</b>	<b>Amaralina</b>	<b>TAXIONOMIA:</b>	<b>Antropotopônimo</b>
<b>MUNICÍPIO:</b>	Salvador (Microrregião MRG 021: Salvador Mesorregião: MESO 05: Metropolitana de Salvador)		
<b>ACIDENTE:</b>	Humano/bairro		
<b>ORIGEM:</b>	<b>AMARALINA</b> - Sobrenome de origem geográfica. (BARATA; BUENO, s/a) Cf. Histórico/ Informações Enciclopédicas		
<b>ENTRADA LEXICAL</b>	Amaralina		
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA</b>	Elemento simples (Apelido de família + INA)		
<b>HISTÓRICO/ INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS</b>	De <b>Amaral</b> – Sobrenome de origem geográfica. Topônimo de Portugal. De Amaral, s.c, nome de uma casta de uva preta, serôdia, e muito abundante de ácidos, cultivada na Beira, no Minho e no Douro. (BARATA; BUENO, s/a)  O bairro fica situado entre o Rio Vermelho e a Pituba, na orla marítima da Cidade Alta. Toda a área que compõe os contornos desse bairro pertencia à Fazenda Amaralina, propriedade de José Alves do Amaral. As terras inicialmente receberam o nome de Fazenda Alagoas, mas por influência do nome do proprietário, mais tarde, foi rebatizada com o nome Amaralina. Distante do Centro Histórico, o bairro passou a contar com o serviço de bonde elétrico somente a partir da década de 1920.		
<b>CONTEXTO</b>	“Alguns bairros antigamente pobres típicos de pequena burguesia, transformam-se hoje quando a cidade cresce à beira do mar: Ondina, Rio Vermelho, <b>Amaralina</b> ”.(p.79) “[...]por detrás das casas elegantes da praia de <b>Amaralina</b> , ferve a vida intensa e pobre, em vasto território habitado por trabalhadores de todos os tipos, o Nordeste de Amaralina”. (p. 79) “Também no Rio Vermelho habitam os pintores Floriano Teixeira e Jamison Pedra. Caribé mora em Brotas, Mirabeau Sampaio no Chame-Chame; o arquiteto Mário Mendonça, em <b>Amaralina</b> com sua mulher Zélia Maria, ceramista”. (p.79)		

	<p>“Seguem-se no Rio Vermelho, Ondina, <b>Amaralina</b>, Pituba, Boca do Rio”. (p.90)</p> <p>“Acompanhando as praias deslumbrantes, orla marítima que se desdobra de <b>Amaralina</b> à Itapoã – melhor dito do Porto da Barra a Arembepe – repleta de hotéis, restaurantes, boates, bares, motéis de alta rotatividade”. (p. 96)</p>
--	---

Os demais antropotopônimos, aqui, serão dispostos apresentando-se apenas a sua motivação, que, nas fichas, são apresentadas no item *histórico/informações enciclopédicas*. Será esse item aquele que poderá comprovar o quanto a escolha dos nomes não ocorre aleatoriamente, assim como conhecer um pouco mais sobre a história do nosso povo através dos seus topônimos, nos remetendo à história de sua formação.

Seguem os demais antropotopônimos:

Quadro 3 – motivação para nomeação dos antropônimos.

<b>ANTROPOTOPÔNIMOS</b>	<b>MOTIVAÇÃO</b>
Amaralina	O bairro fica situado entre o Rio Vermelho e a Pituba, na orla marítima da Cidade Alta. Toda a área que compõe os contornos desse bairro pertenciam à Fazenda Amaralina, propriedade pertencente a José Alves do Amaral.
Cosme de Faria	O bairro fica localizado próximo a Brotas e seu nome faz uma homenagem ao major Cosme de Farias (1875-1972) que residiu naquela localidade. Exerceu os ofícios de advocacia, poeta, vereador e fundou a Liga Baiana contra o Analfabetismo.
Barbalho	O bairro fica nas terras que pertenceram a Luiz Barbalho Bezerra, daí resulta o seu nome. Já foi conhecido como Campo do Barbalho no período colonial e perdurou por muito tempo. Segundo Dorea (2006), Luiz Barbalho Bezerra foi uma personalidade envolvida em diversos acontecimentos de relevância no Período Colonial tais como a construção das “defesas militares”, em 1638.
Garcia	Segundo Dorea (2006), Manuel Correia Garcia foi morador do bairro. Ele foi idealizador e fundador do Instituto Histórico da Bahia, e, também, um dos professores pioneiros da Escola Normal da Bahia. O nome do bairro, possivelmente, surgiu dessa influência.
Lobato	Recebeu esse nome por causa do dono de engenho de bois Vasco Rodrigues Lobato. O topônimo registra a importância do dono de engenho, que também prosperou como produtor de açúcar em terras baianas.
Rua Cosme de Faria	A motivação da rua é a mesma que ocorreu com o bairro.
Rua Apolinário Santana	A rua faz homenagem a Apolinário Santana, mais conhecido como Popó, nascido em Salvador, no ano de 1902. Faleceu em 1955 e foi um futebolista brasileiro, atuando em onze clubes de Salvador, dentre eles, pode-se

	destacar o Botafogo-BA, o Ypiranga e o Bahiano de Tênis, cujos ex-jogadores se uniram aos jogadores da Associação Atlética da Bahia e fundaram posteriormente o Esporte Clube Bahia. Apolinário foi o maior craque do esporte baiano nas décadas de 1920 e 1930. Atualmente é uma rua do bairro da Federação.
Rua Ary Barroso	O nome da rua faz homenagem ao compositor brasileiro Ary Barroso, conhecido como autor de “Aquarela do Brasil”. É uma rua do bairro Chame-chame.
Rua Augusto Guimarães	O nome da rua homenageia Luiz Augusto Rosa Guimarães, atleta amador na adolescência, exerceu as profissões de bancário, engenheiro civil e teve participação na formação do Polo Petroquímico da Bahia, na cidade de Camaçari. Através da Lei 6.483, sancionada pelo prefeito de Salvador Antônio Imbassahy, em 30 de janeiro de 2004, o logradouro nº 11.420, no Conjunto Habitacional Fazenda Grande II, no bairro de Cajazeiras, passou a se chamar Rua Luiz Guimarães.
Rua Caio Moreira	A rua localizada no bairro do Santo Antonio, possivelmente se deve à homenagem ao político, médico e professor Caio Otávio Ferreira Moura. Exerceu mandato eletivo como Conselheiro municipal (1924-1927); deputado estadual (1927-1928); senador estadual (1929-1930). Ainda realizou as atividades Parlamentares de Presidente da Câmara Municipal.
Rua Carlos Gomes	O nome da rua é uma homenagem ao compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes.
Rua Franco Velasco	A rua é uma homenagem ao pintor baiano e professor de Artes plásticas Antônio Joaquin Franco Valasco que foi o autor de inúmeros retratos decorativos e pinturas das igrejas de Salvador.
Rua José Bahia	Não encontrada.
Coutos	Localizado na cidade Baixa, subúrbio ferroviário de Salvador, o bairro Fazenda Coutos adquiriu tal nome por causa de uma fazenda que pertenceu à família Coutos. Na década de oitenta, abrigou a transferência das famílias que habitavam a antiga Malvinas, atual bairro da Paz, localizado na Cidade Alta, entre as Avenidas Luiz Vianna Filho e Orlando Gomes, próximo ao Aeroporto Deputado Luís Eduardo Magalhães, que também já teve o nome de Aeroporto Dois de Julho em homenagem à independência da Bahia.
Rua Guedes de Brito	Segundo Barata e Cunha (s/d), em Dicionário das Famílias Brasileiras, a família Guedes de Brito é uma “antiga família de origem portuguesa, estabelecida na Bahia, que se formou a partir de Antônio Guedes, português nascido em 1560 em Tarouca, Portugal e morto em 1621 em Salvador, Bahia.

	Filho de Rui Guedes e de Ana de Lisboa, foi tabelião na Bahia e era proprietário de uma sesmaria que compreendia terras entre as cabeceiras do rio Jacuípe e Itapicuru, as mesmas que viriam a pertencer a seu filho e a sua neta Joana.
Rua José Joaquim Seabra	A rua faz uma homenagem a José Joaquim Seabra, conhecido com J.J. Seabra, político e jurista baiano que governou a Bahia de 1912 a 1924.
Rua Luiz Anselmo	O nome foi dado em homenagem a um médico e professor, o doutor Luiz Anselmo, homem que lutou contra a escravidão no país. Inicialmente, a rua Luiz Anselmo ficava em um dos maiores bairros de Salvador, Brotas. Brotas atualmente de subdivide em diversos bairros, dentre eles, Luiz Anselmo que fica em Matatu de Brotas, outras divisões do bairro. Até hoje, os limites entre esses bairros não são precisos, mas a rua se tornou bairro mesmo.
Rua Norma Guimarães	O nome da rua, localizada no bairro do Chame-Chame próximo à Barra, presta homenagem à Norma Guimarães Sampaio, esposa do médico e pintor Mirabeau Sampaio. Ela era conhecida como uma nobre e caridosa mulher, que ajudava aos necessitados.
Rua Ruy Barbosa	É uma rua do centro de Salvador, nomeada em homenagem a uma grande personalidade no cenário político no período republicano, o famoso jurista, político, escritor, tradutor, filólogo, orador e diplomata baiano, Ruy Barbosa de Oliveira.
Rua Bolívar das Flores	Não foi encontrada nenhuma informação sobre essa rua. Acredita-se que a rua citada por Jorge Amado seja a Rua Simon Bolívar, em homenagem à Simón Bolívar, militar e político venezuelano. A Rua Simon Bolívar fica entre o bairro de Armação e Boca do Rio. A expressão “das flores” foi um acréscimo brasileiro, mais especificamente, baiano.

No quadro anterior, pode-se perceber como a estrutura social e política influenciam o nome dos bairros e ruas da cidade do Salvador da Bahia. Percebe-se como a escolha do batismo do nome do bairro ou rua preservou, em alguns casos, a posse do lugar, marcando a importância do proprietário da fazenda ou do engenho, que detinha um território significativo antes da consolidação dos bairros. Em outros casos, a influência política, social e cultural foi o outro marcador de alcance do denominativo, pois o cargo exercido como médico, político, coronel, artística, etc., até os dias atuais adquire um conceito positivo e relevante na sociedade.

A homenagem prestada a uma personalidade de poder político, social, artístico ou econômico por meio da nomeação da rua ou bairro com o seu próprio nome, muitas vezes é uma convenção político-administrativa que nada tem de natural, ou seja, não é uma escolha

livre feita pelos próprios membros locais, tanto que nem sempre há uma aceitação por parte da comunidade. É comum os decretos municipais privilegiarem um ou outro político nomeando o lugar, e a comunidade continuar usando o seu primeiro designativo. Esse fenômeno faz surgir uma toponímia paralela, como ocorre com a rua Joaquim José Seabra, popularmente chamada de Baixa dos Sapateiros e que provém de uma tradição histórica dos primeiros tempos da cidade, onde predominava os “agrupamentos profissionais”, os quais podemos verificar em vários outros topônimos em toda a cidade do Salvador.

#### 4. Considerações Finais

Os estudos onomásticos trouxeram à tona e elucidaram a compreensão sobre o nome, de modo particular, os nomes de lugares, os quais foram fundamentais para compreender como os grupos sociais se organizam e se relacionam, numa intersecção linguística e sociocultural.

Dos 108 topônimos de bairros e ruas encontrados no *corpus* de base, 70% são de natureza antropocultural, sendo que os antropotopônimos concentram o maior número de ocorrências com 20% deles, se aproximando apenas dos hierotopônimos que abarca 19%. Os demais não ultrapassam os 11% cada um deles.

Isso pode deixar claro que, nomear vias públicas com os antropotopônimos é uma prática comum, talvez porque seja uma forma de garantir que a personalidade local permaneça na memória coletiva da região por alguma razão específica. Dick (1990) chama atenção para a importância dos topônimos dessa natureza.

O destaque para os hierotopônimos, nomes de origem religiosa, retrata a fé do povo que se manifesta em seu léxico, e isso existe desde a chegada dos portugueses ao Brasil que nomeavam os acidentes encontrados de acordo com os seus preceitos cristãos romanos.

Enfim, ao entender que cada topônimo é capaz de revelar elementos singulares referentes à comunidade linguística em que ele esteja inserido, pode-se constatar o importante papel do léxico como elemento retratador de realidades diversas, capaz de refletir saberes, culturas, identidades, crenças e ideologias. O estudo dos nomes de lugares permitiu uma aproximação maior entre o real e o “topo”, evidenciando também a realidade social, histórica e cultural do topônimo na medida em que revela características singulares.

Os nomes de pessoas sempre têm uma representação importante nos estudos toponímicos. Nomear vias públicas com designativos pessoais seja com nomes, sobrenomes ou apelidos de famílias, é uma prática comum e uma forma de garantir que a personalidade local

permaneça na memória coletiva da região por alguma razão específica. Dick (1990) chama atenção para a importância dos topônimos dessa natureza:

Exercendo o papel de verdadeiros registros do cotidiano, revelando em atitudes e posturas sociais, específicas de determinados grupos humanos, preservam, por isso mesmo, a memória coletiva, principalmente nas sociedades ágrafas, onde sua importância é muito notável pela ausência de outras fontes de análises. (DICK, 1990, p. 286)

A formação identitária de um povo parte também da linguagem e, nomear os espaços e os meios sociais, é uma forma de evidenciar os pensamentos, as crenças, as condutas e imprimir as identidades de cada ser, dentro de um contexto social, cultural e político. Com a cidade do Salvador não foi diferente. Os primeiros a povoarem esse espaço, buscaram elementos do seu entorno natural, mas principalmente se valeram de elementos da cultura local, das crenças, dos fatos históricos, das relações de poder e posse, para nomear e tecer as redes de identificações com o outro.

Jorge Amado em seu “guia” apresentou a cidade do Salvador da Bahia para o mundo, mostrando o *modus vivendi* dos baianos, associados aos nomes dos bairros e ruas que receberam nomes de pessoas importantes para a história e a cultura da cidade de modo geral.

Dessa forma, a partir das discussões apresentadas neste artigo, acredita-se que os estudos toponímicos trazem sempre um ganho sociocultural, pois os nomes de lugares apresentam informações históricas do lugar, a origem desse *topos*, a natureza semântica que animou o ato de nomeação, nos levando a perceber os aspectos linguísticos atrelados a uma obra literária que, com muita graça, conta “as graças da Bahia”.

## Referências

AMADO, J. **Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002 .

BARATA, C. E.; BUENO, A. H. da C. **Dicionário das famílias brasileiras**. São Paulo: Editora Ibero-America Comunicação e Cultura S. C. Ltda, s/a, v. 1.

BRANDÃO, A. dos S.. **Guia de Ruas (Bairros) e mistérios: a toponímia como elemento identitário em Bahia de Todos os Santos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens)- Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

COSTA, A. B. de A.; SEABRA, M. T. C. de; SANTOS, M. M. D dos. Nomes de lugar na dinâmica do antigo regime: antropotopônimos em Minas Gerais, Séc. XVIII. In.: **Revista de**

**Ciências Humanas:** dossiê novos estudos sobre História da Africa, Belo Horizonte, vol. 14, 2014. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol14/artigo4evol14-2.pdf>. Acesso em: 08 jul 2016.

DICK, M. V. de P. do A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 79-90.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia do Brasil:** coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Edições Arquivo do Estado, 1990.

DÓREA, L. E. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas.** Salvador: EDUFBA, 2006.

ISQUERDO, A. N. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural.** Tese (Doutorado em Letras)- UNESP, 1996.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 9.

SARTORI, T. O. **Ruas de minha cidade:** um estudo hodonímico. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

Artigo recebido em: 15.03.2016

Artigo aprovado em: 14.06.2016